



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

DAMIANA FIRMO DA SILVA

**CATOLÉ DO ROCHA- PB
2014**

DAMIANA FIRMO DA SILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Eliene Alves Fernandes

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Damiana Firmo da.
A variação linguística no ensino de Língua Portuguesa
[manuscrito] : / Damiana Firmo da Silva. - 2014.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Eliene Alves Fernandes,
Departamento de Letras e Humanidades".

1. Língua. 2. Língua Portuguesa. 3. Variação Linguística. I.
Título.

21. ed. CDD 410

DAMIANA FIRMO DA SILVA

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

BANCA EXAMINADORA

Eliene A. Fernandes

Profa. Ma. Eliene Alves Fernandes – UEPB/CAMPUS IV
Orientadora

José Marcos Rosendo de Souza

Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza – UEPB/CAMPUS IV
Examinador

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes – SEC/PB
Examinadora

APROVADO EM: 24 de julho de 2014.

Catolé do Rocha – PB
2014

Dedico este trabalho a minha família base da minha vida especialmente aos meus pais Maria Luzia e João Firmo que sempre me incentivaram para seguir em busca dos meus objetivos. Aos meus irmãos Lisiane Firmo, Licioneide Firmo e Lailton Firmo, que me apoiaram dando força para prosseguir. Ao meu esposo Gilberto que me trazia alegria mesmo nas horas de dificuldades. E a minha princesa Ester que me proporcionou a maior felicidade do mundo, razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que permitiu a realização desse sonho, luz que iluminou meus caminhos, meu refúgio e fortaleza nos momentos difíceis desta jornada. Meu eterno agradecimento.

À minha família, que torceram por mim, que me acompanharam e estiveram ao meu lado nas horas boas e ruins desta caminhada. Minha gratidão será eterna.

Aos colegas de turma que souberam conviver de maneira harmoniosa e agradável, principalmente às amigas, Luana, Ana Maria, Rafaela e Vanéria pelo companheirismo e por toda a alegria vivida durante o curso.

Meus agradecimentos as companheiras de trabalho Gesiana e Édina, irmãs na amizade que contribuíram, e muito, na minha formação.

À minha querida e ilustre orientadora, Eliene Alves Fernandes, pela paciência e dedicação durante a realização do trabalho.

À Universidade Estadual da Paraíba e a todos que a ela faz parte, pela oportunidade a mim concebida, que me tornou uma pessoa mais capacitada.

Enfim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste sonho.

A todos, muito obrigada.

“Ninguém comete erros ao falar sua própria língua, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...]” Marcos Bagno.

RESUMO

A Língua, o modo de falar do indivíduo sofre influências que originam alguns tipos de variações como históricas, sociais, diastráticas, diatópicas e diafásicas, revelando características de cada falante. Sendo assim, o presente trabalho vem discorrer sobre A Variação Linguística no Ensino de Língua Portuguesa na escola e em sala de aula. Seguindo a linha de análise da relação entre as variedades da língua em contraposição do ensino da língua padrão, o referido trabalho apresenta algumas definições e conceitos sobre variação linguística, bem como sinalizo preconceito relacionado ao ensino de língua portuguesa. O trabalho aborda, ainda, a heterogeneidade da língua no Brasil, além de possíveis atividades a serem aplicadas em sala de aula, além de refletimos sobre a importância do tema no espaço escolar para contribuição do saber dos alunos. Para nossa fundamentação, utilizamos um repertório bibliográfico verticalizado para o tema, como Bagno (2001, 2004, 2007,2009), Monteiro (2000), Labov (2008), entre outros.

Palavras-chave: Língua. Língua Portuguesa. Variação Linguística

ABSTRACT

The language, the way of speaking of the influences that cause individual suffering some types of variations such as historical, social, diastráticas, diatópicas and diaphasic, revealing characteristics of each speaker. Thus, the present work discuss The Language Variation in the Teaching of English Language at school and in the classroom. Following the line of analysis of the relationship between the varieties of the language as opposed teaching the standard language, such work presents some definitions and concepts about language variation and signaling bias related to the teaching of the Portuguese language. The work also addresses the heterogeneity of language in Brazil, and possible activities to be implemented in the classroom, and reflect on the importance of the subject within the school contribution to the knowledge of the students. For our reasoning, we use a vertical bibliographic repertoire for the theme, as Bagno (2001, 2004, 2007.2009), Monteiro (2000), Labov (2008), among others.

Keywords: Language. Portuguese. Linguistic variation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA	11
1.1A Variação Linguística	14
2. A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA NO BRASIL	19
3. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA	21
3.1 O tratamento da variação linguística em sala de aula	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

A língua é produzida socialmente tornando-se variável. É possível afirmar que não há formas ou expressões erradas. No entanto é, no âmbito escolar, que essa afirmação causa alguns constrangimentos, pois grande parte dos alunos avalia o uso das variedades da língua como “erros gramaticais” ou termos categoricamente inaceitáveis.

Na maioria das vezes, principalmente nas escolas, consagram a gramática como um dos principais suportes para a língua, pois, para algumas situações de ensino, dominar a gramática é dominar toda uma língua, ou seja, a língua e a gramática se completam inteiramente. Mas afinal, o que é ensinar a língua portuguesa? É ensinar gramática? É ensinar a língua escrita? É ensinar a norma culta? Ou é ensinar o próprio falante da língua o que é certo e o que é errado? Na verdade ensinar língua portuguesa é fazer com que o falante se adéque a cada situação diferente de uso da língua para melhor se comunicar.

É evidente o aparecimento de algumas diferenças entre os falantes. Tais diferenças se mostram presentes entre os que seguem a metodologia em que se prevalece o ensino da gramática e, conseqüentemente, desvalorizam as várias maneiras em que a língua é empregada e os que não dominam ou não estão habituados a utilizar essa forma. Por esse motivo, ocorre o que Marcos Bagno e outros linguistas designam “preconceito linguístico”. Esse preconceito é decorrente do valor que é dado à variedade padrão e à desvalorização da variedade não padrão, em que cujos falantes são considerados inferiores ou incapazes de transmitir algum conteúdo informativo. Assim, o domínio que o falante tem de sua língua natural é ignorado, desvalorizando sua identidade diante da sua comunidade de fala.

Ao chegar à escola, o aluno já traz consigo o domínio de uma língua, que aprendeu no convívio familiar e/ou grupo social ao qual está inserida; é apresentada como língua natural que passa por constantes transformações, que evolui, progressivamente, com o passar do tempo, visto que é utilizada pela maioria dos falantes para se comunicar. Através dessas distintas formas de expressão da língua, surge a variação linguística que, por sua vez, contempla a compreensão do processo de transformação da língua.

A variação linguística apresenta-se em diferentes tipos de situações, principalmente, nos aspectos social, histórico, geográfico e cultural, por esse motivo, é comum o uso da língua de modos variados. Vale ressaltar que, mesmo com o uso frequente da variação linguística, os falantes da norma não padrão, assim como os da norma padrão, procuram se expressar adequadamente nas diferentes situações comunicativas sejam elas referentes à fala ou à escrita.

Partindo dos pressupostos da Linguística e da Sociolinguística, pretende-se, com o presente artigo, analisar o trabalho com a Variação Linguística na escola e em sala de aula. A partir de uma análise bibliográfica, observaremos como é enfatizado o estudo da variação da Língua Portuguesa em sala de aula, ressaltando a maneira de como a escola deve trabalhar essas variedades que fazem parte do cotidiano do aluno.

1 BREVE HISTÓRICO DA LINGUÍSTICA

A partir de certo momento de sua existência, o homem percebe que necessita adquirir mais conhecimento na tentativa de dominar o mundo ao seu redor. Para que essa dominação se concretize, faz-se necessário explicar um conjunto de fatos que perdura o meio ao qual faz parte. Dentro desse conjunto de coisas, encontra a linguagem, instrumento de interação do homem, própria do ser humano.

O homem é um ser capaz de raciocinar. Dessa forma, ele pode apresentar algumas dúvidas que requerem respostas ou explicações que, definidas, ele passa a adquirir mais conhecimento tornando-se apto a elaborar e apresentar conceitos sobre algumas curiosidades.

A língua(gem) é um dos principais elementos na vida do homem. Sendo assim, torna-se motivo de muita atenção, principalmente no que se refere à forma como ela está sendo organizada e/ou analisada. A língua não é homogênea, mas heterogênea e dinâmica, considerada um dos principais instrumentos da comunicação que possibilitam interação e a expressão de pensamento entre os indivíduos. Falando em interação e comunicação humana Travaglia (2002) diz que:

A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico (TRAVAGLIA, 2002, p. 23).

A linguagem é um dos principais meios de interação e comunicação entre os indivíduos, assim ela se torna indispensável para o convívio humano.

Durante muito tempo, a linguagem foi motivo de intensas perturbações para o homem no que concerne ao seu estudo, mas foi apenas com o surgimento da linguística que alguma das diversas curiosidades levantadas por ele puderam ser esclarecidas. De acordo com Orlandi (1994,p.9) “a linguística definiu-se, como o estudo que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana”, ganhando destaque entre as Ciências Humanas. A partir desse momento, foi possível perceber que a língua sofre mudanças e se inova a cada dia, seguindo alguns princípios ou preceitos da atualidade..

Seguindo a ideia de Benveniste (2005), a linguística é apresentada de três resumidas formas: na primeira,o nascimento da linguística, através da filosofia grega, onde o interesse maior estava no estudo filosófico e não havia preocupação

em estudar a língua propriamente dita, essa ideologia durou até o século XVIII. Com a (re) descoberta do sânscrito (língua sagrada da Índia antiga) no início do século XIX, surge a gramática comparada, baseada na familiaridade existente entre as línguas indo-europeias, seria esta a segunda fase apresentada por Benveniste (2005). Em seguida, na terceira fase, surge Ferdinand de Saussure e o Curso de Linguística Geral, cujo objetivo era fazer com que os linguistas pudessem analisar a língua em seus diversos aspectos formais e construíssem uma nova noção da língua.

A linguística e a gramática normativa são consideradas bem diferentes uma da outra. Franchi *apud* Travaglia (2002, p.24) diz que a gramática normativa “é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrada pelos bons escritores”. Nela a língua é motivo de reflexões, que se alimenta de possíveis e diferentes interpretações, valorizando seus principais objetos de estudo, a linguagem verbal, oral e escrita, instrumentos que já possuem um forte vínculo com o homem.

A linguística visa ao estudo da linguagem buscando normas que irão fazer com que o homem adquira novos conhecimentos, além de possibilitar melhor comunicação entre os indivíduos de uma língua.

A partir dos estudos realizados por Saussure, a linguística ganha um novo objeto de estudo: a língua, conceituada por Ele como um conjunto de signos, ou seja, a união e organização de unidades para se formar um todo.

Segundo Saussure, o signo linguístico é uma entidade de duas faces que une de maneira arbitrária um significante a um significado.

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la material é somente neste sentido, e por oposição a outro termo da associação (SAUSSURE 1969, p. 122)

O homem buscando se unir aos demais e à natureza, comunica-se nas mais diferentes formas, fazendo uso da fala ou da escrita nos seus diversos aspectos, produzindo os signos.

É através da utilização desses signos que o homem consegue se comunicar socialmente; assim ele passa a expressar seus pensamentos e/ou ideias. Com isso, a linguística que está relacionada aos diversos usos que o falante faz da língua,

torna-semuito importante para humanidade, fazendo com que os falantes valorizem sua identidade.

Ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles, o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora sua cultura e sua identidade. Os signos são fundamentais, pois dão ao homem sua dimensão simbólica (ORLANDI, 2005, p. 11-12).

A partir das ideias de Saussure e do Curso de Linguística Geral, outros cientistas começaram a consagrar métodos e critérios postos por Ele nas mais diversas áreas. Isso fez com que surgisse, no século XX, uma das mais importantes escolas científicas, o estruturalismo que, além da Linguística, influenciou, também, a Antropofagia, a Psicologia, a Filosofia etc.

O estruturalismo é apresentado como a teoria de análise linguística que teve como referência as ideias de Saussure, pois, para alguns estudiosos, o que Saussure chama de sistema, para eles seria a estrutura. Dessa forma a língua é considerada uma estrutura, constituída através de uma rede de elementos, visto que, cada elemento tem uma função.

Com a grande contribuição de Saussure o estruturalismo foi usado como veículo para outras escolas de pensamentos linguísticos. Weedwood em sua obra História Concisa da Linguística (2002) discorre sobre grandes contribuintes para linguística no século XX. Nikolai Sergeievitch Trubetzkoy e Roman Jakobson, integrantes da Escola de Praga, discutiam a linguagem na perspectiva diacrônica e seus estudos baseavam-se, principalmente, na fonologia e na poética. Na linguística americana ganha destaque Noam Chomsky com a Gramática Gerativa, onde fazendo uso do método dedutivo Ele propõe que a linguagem não seja apenas descritiva e sim explicativa e científica. M. A. K. Halliday em sua pesquisa na Inglaterra se inspirou na teoria de Firth, mostrando que a gramática possui aspectos bem sistemáticos.

Com a influência do pioneiro Saussure sobre as outras áreas do conhecimento, muitas outras escolas de estudos linguísticos se desenvolveram, realizando pesquisas e revelando aspectos antes nunca explorados. Esses estudos eram realizados em conjunto com os campos tradicionais de estudo da língua (a fonética, a semântica, a morfologia, a sintaxe), fazendo com que surgissem outros

campos de estudos, como a Psicolinguística, a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversação etc.

Após o surgimento desses novos meios de estudo, a Linguística constitui várias correntes linguísticas ou ramificações capazes de analisar os fenômenos linguísticos. A Sociolinguística compõe este grupo de estudo que emerge para a realização de um estudo mais profundo da relação entre os aspectos sociais (culturais) e linguísticos.

É notável a mudança da linguagem na atualidade, por isso a Sociolinguística relaciona, de forma específica, língua e sociedade, pois, de acordo com Saussure (2001, p.16), “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Essa relação entre língua, cultura e sociedade foi motivo de reflexão de vários estudiosos, estruturalistas ou não, do século XX, que visavam ao estudo linguístico, principalmente, a questão social.

A Sociolinguística estuda os fatores existentes na classificação de um falante (sexo, idade, escolaridade etc.) e a forma como ele usa a língua para se comunicar. Graças à contribuição de William Labov, a Sociolinguística mostrou que toda língua é heterogênea, que muda com o tempo e varia no espaço. Com isso tornou mais difícil aceitar a Gramática como verdade absoluta, pois:

A Sociolinguística acentuou ainda mais a inadequação das gramáticas normativas tradicionais, que sempre trataram da língua como se ela fosse uma coisa só, um bloco compacto e uniforme, imóvel e imutável. (BAGNO, 2004,43)

Labov se destaca na área da sociolinguística por suas pesquisas estarem relacionadas à diversidade linguística, de outra forma, Labov deu ênfase ao estudo das variações linguísticas, estudo de amplo impacto na linguística contemporânea. Labov ([1972] 2008) crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala.

1.1 A Variação Linguística

Um fenômeno que esteve sempre presente na formação e estruturação da nossa língua, a variação linguística, faz parte das mudanças renovadoras que a nossa língua passou e ainda são perceptíveis nos dias atuais. Muitas vezes, o termo

variação linguística é associado à concepção de “erro”, quando na verdade deveria ser visto como uma forma de adequação da língua às circunstâncias de uso.

Nos últimos anos, é notável a preocupações de pesquisadores da língua em realizar trabalhos voltados para área da linguagem, com o intuito de identificar os fenômenos da variação linguística. Para eles, *erro* é uma forma ou uma construção que impede a comunicação, ou seja, fogem do uso natural da língua e/ou que não estão previstas no sistema da língua. Nesse sentido, não é cabível dizer que existe apenas uma linguagem-padrão (norma culta), pois para cada variedade, devido aos fatores extralinguísticos, surgem subvariedades.

A questão da norma culta está relacionada tanto à escrita quanto à linguagem da classe dominante por fazerem melhor relação entre a língua falada e a escrita, porém, é preciso ressaltar que, mesmo fazendo uso da norma culta, não necessariamente, os falantes dominem a norma padrão.

De acordo com Bagno (2007) há uma diferença entre norma culta e norma padrão. Para ele, a norma culta é o uso que os falantes das classes dominantes (privilegiados), da sociedade urbana faz da língua; já a norma padrão, é o modelo idealizado pelas gramáticas normativas como língua “correta”, “certa”.

A norma padrão (formal) pode ser caracterizada por fazer parte do vocabulário de grandes profissionais da língua, como também estar presente em trabalhos científicos, livros etc., além de ser clara e apresentar ortografia correta, já a norma não padrão (informal) é utilizada no cotidiano, sem grande preocupação com a ortografia, muito percebida, principalmente, quando o falantes são de regiões diferentes.

A língua é heterogênea, por isso é comum seu uso de diferentes formas que, na maioria das vezes, veiculam um mesmo sentido. Ela apresenta diversas variações, principalmente no que se refere ao português falado e ao português escrito. São perceptíveis três tipos de variações na linguagem, ou seja, três formas diferentes de fazer uso da língua, assim discriminadas: diastrática, diatópica e diafásica.

A Variação Diastrática é pautada à classe social e cultural do indivíduo. Sendo assim, existirá variação dependendo de como o falante usar alguns termos como o fonético e o léxico. Estas variações estão relacionadas, também, a profissão, a faixa etária, entre outros, que exercem de forma dominante. Pode ser tomada como exemplo a linguagem de um grupo de advogados ou uma turma de fankeiros, um

idoso e uma criança e, até mesmo o modo diferente de pessoas da classe alta e a classe baixa falarem.

Em se tratando da Variação Diatópica, essa se classifica pelos modos de falar de cada região. Essa variação ocorre, principalmente, nos aspectos semânticos (como a palavra é apresentada) e sintáticos. Referindo-se à questão semântica, um bom exemplo é a “mandioca”, que em algumas regiões é chamada de “macaxeira” ou “aipim”. Já no aspecto sintático é notório o modo de pronunciar algumas expressões, por exemplo, “é não”, em vez de “não é”, “vou não, em vez de “não vou”, como também, a troca de alguns termos como o pronome “Tu” pelo pronome “Você”.

É classificada como Variação Diafásica aquela em que é permitido livre arbítrio, ou seja, o indivíduo se ver no direito de fazer uso da língua de uma forma geral, com liberdade de expressão, sem exigência do uso formal da língua. Nesse caso é possível citar como exemplo uma conversa do dia a dia de um médico comparando-a com uma apresentação de um trabalho científico feita pelo mesmo.

Portando, temos aqui três parâmetros: um parâmetro social, um parâmetro geográfico e um parâmetro histórico, e a língua conhece variações nesses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias). (CALVET, 2002, p.111).

Sabemos que a língua está relacionada a alguns fatores que ocasionam a variação linguística como: o social (determinada pelo lugar onde o falante vive escolaridade, idade etc.) o geográfico (a pronúncia de cada região), o histórico (as coisas variam com o tempo) e o estilístico (adaptação do indivíduo a cada situação). De acordo com Monteiro (2000), quando falamos de Variação Linguística, estamos relacionando duas ou mais formas distintas de transmitir um conteúdo informativo, no entanto, quando falamos de Variável Linguística, estamos dizendo que, as formas alternadas que usamos a língua, expressam uma mesma coisa num mesmo conceito. Vale ressaltar que, nem sempre o uso da língua de forma distinta possa significar a mesma coisa, por exemplo: “comida boa” e “boa comida”, só há mudança na forma de se expressar, porém quando se diz “grande homem” e “homem grande”, ocorrem alterações no adjetivo, causando diferenças de significados.

Dentre os diversos tipos de fatores que suscitam variação linguística, Monteiro (2000) destaca os seguintes:

1. Os referentes ao sexo – é diferente o jeito de homens e mulheres falarem. A diferença de ritmo e tom de voz, além de alguns empregos de vocábulos e a ideia de que as mulheres falam mais e mais rápido do que os homens;
2. Escolaridade – o grau de escolaridade que o falante possui, a qualidade da escola que frequentou ou, até mesmo, o tempo que estudou;
3. A faixa etária (idade) – é perceptível a diferença no falar de uma criança comparada com o de um adulto, ou seja, para cada idade existe uma especificidade de fala, além de que, de geração e geração as coisas mudam;
4. Classe social – muitos fatores implicam nesse tipo de variação, pois ela está relacionada ao social, de como o indivíduo vive. Ela vai ser determinada a partir de fatos como: renda, educação, profissão ou pelo fato de ser ou não de um grupo, socialmente, mais elevado;
5. A região em que o falante reside – a localidade influencia na variação linguística, principalmente, no que se refere a falantes da zona rural (que são menos diversificadas e falantes da zona urbana (que possuem dialetos próprios);
6. Os estilos de fala – o que esse fator tem como princípio básico é que nenhum falante utiliza a língua da mesma forma, ou seja, o indivíduo adapta-se a cada situação.

Diante das exposições acima, a variação linguística consiste nos vários modos de comunicação entre os falantes. Ela é compreendida como a variação da língua que ocorre em determinados grupos.

Para a linguística, nenhuma língua é melhor ou pior que a outra; para ela, cada indivíduo possui sua forma individual de apresentar o mundo em que vive. Nesse caso, a linguística defende que não se pode dizer que tal expressão utilizada esteja “certa” ou “errada”. É comum, falantes de uma mesma língua, fazerem uma espécie de “empréstimo linguístico”, ou seja, um se familiarizar com a forma de falar do outro, no entanto, essa relação também pode gerar o que os linguistas denominaram de Preconceito Linguístico.

O Preconceito Linguístico é decorrente de uma intolerância diante de uma palavra, quando pronunciada de forma inadequada e, na maioria das vezes, essas

palavras ou expressões são utilizadas por falantes de classes menos favorecidas, que não dominam a língua em sua forma padrão, sendo assim, considerados incapazes de se comunicar, tendo seu valor desmoralizado diante de sua comunidade de fala.

2 A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA NO BRASIL

No Brasil o Português (padrão) é ensinado como língua materna, onde é notável a grande preocupação em formar ou (re)formar escritores e leitores baseando-se nas regras (normas) gramaticais, porém fica difícil defini-la como tal, pelo fato de a mesma sofrer fortes influências sociais e culturais.

É inadmissível pensarmos que, no Brasil, considerando sua extensão, todos os brasileiros utilizem a Língua da mesma maneira. Portanto, faz-se necessário, não o julgamento de fala como melhor ou pior, certo ou errado e, sim, orientar os falantes à adequação da língua as diversas situações de uso.

Um dos principais fatores gerador das variedades linguísticas existentes no Brasil, é o contato do português com outras línguas, assim afirma Bagno (2001, p. 18):

...no Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc.

A influência dessas comunidades estrangeiras como também os diversos contextos gera uma dinamização na fala, proporcionando ao falante diversas situações de uso, incorporando termos de algumas línguas como o italiano, o francês, o espanhol entre outras.

A língua portuguesa vem se modificando ao longo dos tempos, isso é observado em um país como o Brasil, que é marcado pela diversidade, cheio de mudanças, pessoas que mudam de estado, de cidade, trazendo o seu jeito de falar para outra região, mudando a sua maneira de falar para melhor se comunicar.

Não podemos esquecer que essas mudanças ocorrem, também, por causa do fator sócio-econômico de cada indivíduo. As transformações sócio-econômicas da sociedade vêm acontecendo de forma desigual, ou seja, pessoas que fazem parte de uma mesma comunidade, mas que são, financeiramente falando, diferentes, onde uma minoria é rica, e uma grande maioria, desfavorecida, pobre.

Desde os tempos passados algumas prioridades, como o acesso à boa educação, era para as classes dominantes; índios e negros eram desprivilegiados, viviam em completa miséria, principalmente, no que se refere à educação. Dessa

forma, é importante perceber, que desde sempre as desigualdades sociais separavam os que tinham dos que não tinham, ricos e pobres.

Devido a esses e outros fatores é que vivemos em um país de diferenças. Um país onde, além de tantos outros empecilhos, a forma de se comunicar (falar), muitas vezes, é julgada, discriminada, onde o certo e o errado são marcados pelo preconceito e que acaba perdendo o respeito pela diferença.

A heterogeneidade é inevitável, por isso, é preciso que toda e qualquer camada social que faça uso da língua, padrão ou não padrão, seja aceita como parte desse conjunto e, que sejam valorizadas todas as medidas de trabalho que privilegiem a estrutura linguística trazida pelo falante.

3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

A sociedade passou por várias mudanças no tocante à Educação e uma delas diz respeito à democratização do ensino, que possibilitou a inserção de um maior número de pessoas nas escolas e isso se refletiu no perfil socioeconômico da população, havendo uma maior necessidade de profissionais para atender à demanda. No entanto, isso poderia ocasionar um desconforto no ensino, haja vista a não disponibilidade de profissionais capacitados. Na verdade, essa “falha” deve-se, de certa forma, a “reprodução” de uma educação anterior, em que os profissionais tinham como base uma concepção tradicional limitando-se a inovar, no que diz respeito ao ensino.

Inovar não é tarefa fácil, porém se faz necessário, uma vez que, se reconhece no professor a capacidade de adotar novas práticas a fim de aperfeiçoar a carreira profissional para que não seja uma mera “reprodução” do que passou, mas sim uma abertura para o novo. Conforme afirma de Castilho “[...] A tarefa da atual geração de educadores é muito pesada: reciclar-se, reagir contra o círculo de incompetência e de acriticismo que se fechou à volta do ensino brasileiro, e lutar pela valorização da carreira. [...]” (CASTILHO, 1998, p.13).

A escola, assim como os profissionais de ensino, na perspectiva de construir uma cidadania melhor precisa adotar a valorização cultural, no que se refere à língua, de sua comunidade, como também, tentar ultrapassar seus limites e proporcionar o saber aos diferentes grupos sociais. Isso pode ser possível com a adaptação de uma postura inovadora e transformadora na prática do ensino.

No que se refere ao ensino de língua portuguesa, desde tempos passados era direcionado, preferencialmente, à “elite” (classe média e média alta); os bancos das escolas era restrito a esse pequeno grupo de pessoas, resumindo-se a uma mínima parcela da população. Esse grupo mais favorecido, ao possuir uma perspectiva referente ao sistema da língua, impôs aos grupos menos favorecidos uma forma verbal e, posteriormente, escrita da língua; isso foi transformando a realidade da sociedade e, conseqüentemente, o ensino em nossas escolas.

Assim como ocorre em outras línguas, a Língua Portuguesa, flexiona-se e evolui com o passar do tempo. Com vistas nisso, para todos os efeitos, o ensino de Língua Portuguesa, de modo geral, capacita o desenvolvimento da comunicação, ou seja, fundamenta-se na preparação dos indivíduos para lidar

com as diversas situações de uso comunicacional tanto na escrita como na oralidade. Assim disserta Travaglia (2000, p.27):

O ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor, ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

Nessa perspectiva, o ensino de língua propício a ser transmitido aos indivíduos (usuários da língua) não se fundamenta em somente estudar as regras da gramática normativa isoladamente de um contexto situacional, pois aprender regras não é o suficiente para comunicar-se adequadamente.

Brasil (2006). Ressalta que é preciso atentar-se também, que a língua evolui e que não existe apenas uma única forma padrão e culta dela, pelo contrário, a língua em nosso dia-a-dia perpetua-se de maneira a encaixar-se de acordo com os moldes formadores de uma determinada comunidade falante. Para tanto, as práticas de ensino de Língua Portuguesa devem, intrinsecamente, partir do texto e tratá-lo como material para os diferentes gêneros discursivos, enfatizando a produção de sentido vinculada à comunicação em diversas situações de uso.

O ensino de Língua Portuguesa passou por grandes transformações com o intuito de acrescentar questões referentes à interação, questões vivenciadas pelos alunos, e não somente que fosse considerada em sala de aula a gramática normativa, tradicional. Com tais transformações seriam incluídas nas escolas um repertório usado pelos alunos e por parte da sociedade, fazendo com que o ensino não se resuma em apenas língua escrita, que acima de tudo muitas vezes feita de forma monótona.

É preciso que os professores sintam-se motivados e comprometidos com o novo. Castilho (1998, p.12) afirma que [...] os professores em exercício precisarão capacitar-se em novos temas, visto que eles permitem encarar mais adequadamente os problemas linguísticos suscitados por uma sociedade em mudança.

Transformando sua prática em sala de aula capacitando-se e especializando-se cada vez mais, o professor pode ter como ponto de partida a reeducação na perspectiva linguística, proporcionando ao aluno um ambiente mais rico em aprendizagem.

3.1 Para uma educação linguística em sala de aula

A sociedade vem sofrendo mudanças rapidamente; ela vem passando por um momento em que a informação é veloz e de fácil acesso. Ao chegarem ao âmbito escolar os alunos já trazem consigo uma diversidade de informações.

Na maioria das vezes, ao chegarem à escola, os alunos são limitados a aprender somente o que é considerado “correto”, ou seja, língua padrão, levando em consideração a falada como “errada”, que foge das normas. Isso é bastante observado nas escolas pela falta de esclarecimento em discernir entre oralidade e escrita.

Essa noção de “erro” é considerada ao fugir das normas tradicionais da língua, permeada, equivocadamente, nos espaços escolares, uma vez que apenas a gramática é tida como modelo de língua. No entanto, seria necessário um esclarecimento mais dinâmico das múltiplas manifestações linguísticas existentes.

Falando em noção de erro Bagno (2009, p.149) afirma que:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...].

De acordo com a visão de Bagno, não há representação de “erro” na oralidade, pois, para que a mesma seja realizada, não necessita se prender a uma regra de uso, e sim as diversas variedades linguísticas que são representadas.

Em meio a vários assuntos a serem trabalhados na escola, pode-se determinar dois como relevantes, sob a ótica da sociolinguística: a noção de variação linguística e preconceito.

A variação linguística é nada mais que os diferentes usos que os falantes fazem da língua. Isso leva o ensino a se manifestar diante de tal situação com a preocupação de ensinar o “certo”, considerando que, o que o falante traz consigo seja “inadequado” para o ensino. Na verdade essas variantes da língua são situações de uso que os falantes adotam na oralidade, mas que, na verdade, não são erros e sim mesclagem de uma determinada língua, no caso, a língua portuguesa.

Fruto de um ensino tradicional, a variação lingüística não padrão, é apresentada como uma língua anormal ou errada, exaltando a Gramática Normativa. A Gramática Normativa é considerada sinônimo de Língua Portuguesa, que nesse caso confirma o que Bagno diz no terceiro Mito do seu livro *Preconceito Linguístico*, que “português é muito difícil”, que na verdade não é o português que é difícil e sim, as regras, as normas gramaticais é que são complexas. (BAGNO, 2009).

A Gramática Normativa adota como base as regras gramaticais tradicionais. Ela admite uma única forma como correta da língua, tratando as variações lingüísticas como “erros”, prescrevendo e impondo regras e normas gramaticais.

É bem visível a divisão da língua, em que, de um lado fica a variedade prestigiada (Português Padrão) e, conseqüentemente, do outro lado a variedade estigmatizada (Português Não Padrão). É essa divisão que promove o preconceito entre os falantes que dominam o PP para com os que não o domina resultante da ampla variedade na língua, que se caracteriza entre as diversas regiões, como também pela falta de acesso a uma cultura considerada da elite.

Na maioria das vezes, é levado em consideração em sala de aula, apenas o trabalho com ensino de uma linguagem formal, e não a realidade do grupo social ao qual o aluno faz parte, aplicando a norma padrão como verdade absoluta, negando ao indivíduo sua liberdade de expressão. Assim, o ensino de Língua Portuguesa se resume em ensinar apenas a GN como a forma correta de falar e escrever, desprezando e desprestigiando o que o aluno já traz consigo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ressalta que:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1996, p.31).

É papel de a escola acolher o indivíduo fazendo com que o mesmo não se sinta discriminado pela forma como fala, e sim, valorizado. É preciso que se valorizem todos os meios possíveis trazidos pelo aluno, que permita aperfeiçoar cada vez mais sua compreensão, sejam eles usados na escrita, oralidade ou leitura,

para que possam de certa forma, modificar sua realidade frente às oportunidades oferecidas.

A escola deve se preparar e se organizar para atender às diversidades culturais, visto que, é necessário capacitar os alunos a fazerem uma reflexão sobre a forma de como desenvolver seu senso crítico, como também a falar e escrever diante dos diferentes contextos em que a língua é apresentada, dominando e respeitando as diversidades da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que o ensino da Língua Portuguesa é baseado, exclusivamente, nas normas prescritas pela gramática tradicional. Dessa forma, a realidade linguística é condenada por não seguir essas normas e, com isso, há uma tendência a restringir a capacidade dos alunos em compreender a língua de maneira mais abrangente.

Atualmente quando falamos em variação linguística, logo fazemos uma associação à sociolinguística, pois estuda a heterogeneidade da língua. Não é tão fácil analisar esse fenômeno linguístico; afinal a relação entre língua e sociedade é evidente, além de a sociolinguística ter o papel de relacionar as variações observadas em uma comunidade com as demais situações sociais como: faixa etária, fatores socioeconômico, gênero, escolaridade entre outros.

Sabe-se que existem diferentes situações de fala; sendo assim, é preciso saber diferenciar ou adequar o tipo de fala para cada uma delas. A linguística defende que nenhuma língua é inferior a outra; apenas é adequada à sua realidade, ou seja, ela é uma representação do meio ao qual o indivíduo faz parte.

É preciso abrir mão dessa ideia de homogeneidade que a GN impõe à escola, ao professor, de se basear, apenas, em regras e classificações. Pelo contrário, o ensino da língua precisa estar ancorado à realidade dos alunos, analisando os meios escritos e orais pertencentes a eles, como também nos principais objetos de estudo da sociolinguística: variação e preconceito.

O estudo da variação linguística poderá despertar no aluno o interesse de aprofundar seus conhecimentos sobre uma língua heterogênea e não se acomodar com o que a gramática tradicional aplica: o monolinguísmo. Já o trabalho com o preconceito linguístico se faz necessário na tentativa de evitar as dicotomias nas escolas, como também facilitar e permitir a exposição e apresentação do aluno. Desse modo, é necessária a formulação de métodos que contribuam com o ensino da variação na sala de aula, mostrando sua importância na aprendizagem dos alunos, fazendo-os conhecer meios de inserção, sendo conscientes do meio em que vivem, sem preconceitos com a própria linguagem. Adotar um ensino democrático, aberto para as múltiplas variedades linguísticas.

Enfim, a variação linguística não deve ser excluída em sala de aula; pelo contrário, ela precisa ser trabalhada de forma que venha a facilitar o aprendizado e,

desse modo, deve ser considerada como o ponto de partida para um ensino inovador, abrindo espaço para o novo, tornando o conhecimento mais rápido e fácil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolingüística. 11. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola. Editorial, 2007

_____. **Português ou brasileiro?** : um convite à pesquisa. 4ª Ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2004.

_____. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2009

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. NOVAK, M. G; NERI, M. L 5ed. Campinas: Pontes, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1 - Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORLANDI, EniPulcinelli. **O que é linguística**. 7ª Ed. São Paulo. Editora brasiliense, 1994.

_____. **O que é Lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 2005

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

_____. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e IzidoroBlikstein. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.